

# Aspectos transdisciplinares de pesquisa-formação-ação com pessoas envolvidas com a questão do morador de rua

Aparecida Magali de Souza Alvarez – Faculdade de Saúde Pública/USP

[apmagali@terra.com.br](mailto:apmagali@terra.com.br)

Augusta Thereza de Alvarenga – Faculdade de Saúde Pública/USP

Gisele A. D. Franco Arrunátegui – Faculdade de Saúde Pública/USP

Isabel Cristina Bueno da Silva – Secretaria de Assistência Social – Prefeitura de Santo André

Silvia Cristiane de S. A. Della Rina – Comunicação Social e História da Arte pela FAAP

Patrick Paul – Prof. Assistente depto. Ciências da Educação da Universidade François Rabelais de Tours/França

Luiz Roberto de Souza – Graduado em Ciências Contábeis pela FMU – Consultor em Estatística e Qualidade

Américo Sommerman – CETRANS e Ciências da Educação pela Univ. Nova de Lisboa

**Apoio: FAPESP**

Este trabalho se propõe a analisar as emergências transdisciplinares da aplicação da metodologia da “Fertilização Cruzada de Saberes” com pessoas envolvidas com a questão do morador de rua, desenvolvida como Pós-doutorado na Faculdade de Saúde Pública/USP. Para tanto, apoia-se em dois recursos metodológico-operacionais: a “Fertilização Cruzada de Saberes” e o “Conto de Encontro Transformador”. Do ponto de vista teórico, a proposta baseia-se no encontro dialógico entre os conhecimentos sobre o conceito de “Encontro Transformador”, entendido como um dado modo de interação entre pessoas que possibilita o despertar das potencialidades do ser; sobre o conceito da “Resiliência”, que é a capacidade humana de superar adversidades e transformar-se; no conhecimento do “Ágape”, definido como “amor às outras pessoas humanas, amor ao próximo”; e constructos teóricos da área da Educação, com ênfase no processo de formação. No presente trabalho, destacaremos algumas das emergências transdisciplinares que têm sido constatadas no andamento do projeto. Abordaremos, por exemplo, os diálogos intra e intergrupais sobre os contos, mobilizando diferentes níveis de percepção dos participantes – no nosso caso grupos de universitários, técnicos, pessoas de apoio aos moradores de rua e de próprios moradores de rua – e diferentes perspectivas e saberes de cada grupo, muitas vezes contraditórios, mas que, com um olhar transdisciplinar, se mostram como complementares, contribuindo para a troca e ampliação dos saberes assim como da formação do grupo, gerando a transformação de todos. A mobilização desses diferentes níveis de percepção e diferentes perspectivas, muitas vezes contraditórias, complementares e concorrentes nos remetem aos três pilares metodológicos da pesquisa transdisciplinar, ou seja, os diferentes níveis de realidade, a complexidade e a lógica do terceiro incluído.

**Palavras-chave:** Transdisciplinaridade; Fertilização cruzada de saberes; Psico-sócio-formação; Conto de Encontro Transformador.

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1. *A população de rua na cidade de São Paulo.*

O presente trabalho é fruto de estudos e pesquisas desenvolvidas ao longo de mais de 10 anos envolvendo segmentos da população de moradores de rua na cidade de São Paulo. Eles permitiram a configuração, nesse âmbito, de uma linha de pesquisa que foi sendo consolidada, sobretudo, através de dois trabalhos monográficos (ALVAREZ, 1997; 2003).

Nesse segmento populacional, a falta de convivência com o grupo familiar e a precariedade de outras referências de apoio efetivo e social os impediam de estabelecer projetos de vida e até de resgatar uma imagem positiva de si mesmos. Viviam situações existenciais extremas e portavam a imagem negativa que a sociedade possuía sobre eles. Introjetando tais imagens, sentiam-se “fracassados, caídos” (VIEIRA, 1994:155). Imersos na *cultura da rua*, desenvolviam estratégias de sobrevivência, muitas vezes protegendo seu “verdadeiro interior psíquico” com padrões de conduta que lhes permitiam sobreviver nesse ambiente destrutivo.

### 1.2. *O complexo teórico: refletindo caminhos e abrindo questões*

O pressuposto que norteou nossa linha de investigação ao longo desses anos ressaltava que haveria uma interação específica entre os seres humanos caracterizada pelo que denominamos de “encontro transformador” que, pela sua especificidade, possibilitaria a “transformação” dos envolvidos, moradores de rua e não moradores de rua. Tratar-se-ia de um encontro que seria transformador no sentido de possibilitar o

despertar da sabedoria humana, de suas potencialidades, a retomada do rumo da existência, ou seja, do sentido da vida, contribuindo para a promoção da Resiliência. Ao conceito de Resiliência, compreendido como “a capacidade humana de fazer face às adversidades da vida, superá-las e sair delas fortalecido ou inclusive transformado” (GROTBERG, 1996; ALVAREZ, 1999) – visando a um aprofundamento do mesmo – foi associada a noção de *Ágape*, definido como “amor às outras pessoas humanas, amor ao próximo” (BOLTANSKI, 1990), articulando-os com conceitos de *self* e *falso self* (WINNICOTT, 1975; SAFRA, 1995, 1999).

As “qualidades” emergentes das relações de “encontro” com o próximo significativo que atuou no sentido de amparar os moradores de rua, ser seu “ponto fixo – ponto de apoio”, constatadas nesses trabalhos traduziam por si mesmas o mérito e necessidade da promoção desse tipo de processo de encontro entre as pessoas. No entanto, observou-se que alguns moradores de rua que retomaram o acontecer do *self*, reassumindo o processo criativo no processo de “Encontro Transformador” com as pessoas que os ajudaram, tiveram dificuldades em manter no nível fenomênico a constância das novas formas configuradas, manter a *transformação* sem o apoio efetivo da Sociedade mais ampla.

Além de apontarem, em seus resultados, para a importância da veiculação dos conhecimentos sobre o “Encontro Transformador”, a Resiliência e o *Ágape* neles abordados ressaltaram ainda, esses estudos, a necessidade da conscientização da Sociedade Civil e Estado a respeito não só da realidade do morar na rua como, também, da necessidade do apoio aos moradores de rua, no âmbito das políticas públicas, para que pudessem desenvolver e sustentar o processo de resiliência. Enfatizaram que, para a geração e manutenção da configuração da “transformação” dessas pessoas, era importante que fossem reconhecidas e respeitadas como *seres humanos*, em sua dignidade e que, para isso, seria necessária a criação de equipes multidisciplinares capazes de atuar com metodologias inter e transdisciplinares, a fim de problematizarem em conjunto, na soma de competências e de olhares, a realidade única e complexa de cada ser humano em questão.

Se muitas vezes o problema específico do morador de rua pode ser respondido com uma solução padrão, linear e pontual – tentar conseguir uma casa, tentar conseguir um emprego – tornou-se claro que em grande parte das vezes essa tentativa de solução uni-causal e linear é insuficiente, pois os problemas a serem “solucionados” se mostram com múltiplas causalidades e multidimensionalidades: enfermidades físicas, psíquicas, dependências do álcool ou de drogas, ausência de sentido da vida, questões espirituais profundas, etc. Nestes casos, onde entrariam as competências do campo médico, da saúde pública, das políticas sociais, públicas, da psicologia, da sociologia, dentre outras? Quando teriam de ser acionadas as competências políticas, quando as epistemológicas? Como perceber se o ser humano em questão, para sua transformação precisaria ou não de acompanhamento psicológico, ou clínico, além de – ou antes – de receber um apoio para poder ter uma casa e um trabalho? Que tipo de acompanhamento seria necessário para a emergência do *Self* e de sua sustentação? Quando o morar na rua significaria distanciamento do *Self verdadeiro* e quando, em alguns casos, manifestar-se-ia como o contrário disso: como opção desse próprio *Self*? Quando uma competência sozinha, política ou econômica, poderia dar conta da solução do problema de um dado sujeito em situação de rua, e quando a causalidade complexa de outro sujeito nas mesmas condições pediria um olhar cruzado de muitos saberes?

Desafios apresentaram-se: Como faríamos isso? Como *promover, em situação de intervenção*, essas ações positivas de transformação e formação, em pessoas envolvidas com esse segmento social de excluídos? Quais as características que essa estratégia de intervenção deveria possuir para a promoção de encontros formadores e transformadores, que possibilitassem a emersão ou criação de conteúdos de *Ágape*, promovendo a resiliência dos participantes?

Estas questões nos encaminharam para o diálogo criativo entre as teorias e conceitos trabalhados em nossos estudos (ALVAREZ, 1999, 2003) e o campo das teorias da Educação afins com a nossa linha de pesquisa, na busca de emergências de reflexões originais, que pudessem subsidiar mais amplamente a proposta de intervenção. Para a veiculação e criação conjunta dos referidos conhecimentos foi proposta, no projeto atual, a construção – na ação – de uma estratégia para a “formação” de pessoas envolvidas com o problema dos moradores de rua, que deveria contemplar mas ultrapassar os limites estreitos de um processo educativo entendido como simples “transmissão-aquisição” de conhecimentos, saberes e comportamentos. Para essa estratégia de intervenção formativa, como coadjuvantes na promoção da abertura de espaços de encontro transformador e de transformação dos participantes da referida ação, nos apoiamos em dois instrumentos metodológicos operacionais, que nos pareceram adequados como estratégia

pedagógica a essa perspectiva de formação: “O Conto de Encontro Transformador” e “A Fertilização Cruzada de Saberes”.

Pascal Galvani afirma que as “Ciências da Educação têm dado espaço às ciências que abordam as questões da autonomia e do ser vivo, tornando-se *Ciências da Formação*, que abordam o estudo da forma e das morfogêneses no seu sentido mais radical” (GALVANI, 1997:1). Apoiar-se este autor em Francisco Varela<sup>1</sup>, que afirma que a vida e o conhecimento são indissociavelmente ligados, e aborda a perspectiva *bio-cognitiva*, que é retrabalhada por Gaston Pineau<sup>2</sup>, ao afirmar que o processo de formação é concebido no senso mais estrito de se *dar uma forma*, de colocar juntos os elementos dispersos. Nós desenvolvemos (ALVAREZ, 2003), também, em nosso trabalho, o pensamento a respeito de “organização” e “forma” na constituição da vida psíquica, onde “progredir implica organizar-se, *conquistar formas e transformar-se*” (FIGUEIREDO, 2001). Essa transformação *acontece no encontro* com o próximo, o outro visto e respeitado como um *legítimo outro em convivência com alguém*. A partir da concepção de “Ágape”, amor que em movimento de doação efetua a busca e adaptação ativa às necessidades do próximo, respeitando o *tempo* desse *outro* em seu próprio ritmo de crescimento, de seu *acontecer no mundo*; amor que ignora o *cálculo* ou idéia de posse pois sua doação independe do valor ou mérito do amado, apoiados nesse modelo de inter-relação imersa no respeito ao outro – que é visto como *autêntico outro*, em que acompanhamos o processo de “transformação” dos envolvidos – é que nomeamos a nossa concepção de *formação*. Porque entendemos que a formação do humano passa pela sua *transformação* constante, que é o seu modo de estar no mundo quando é despertada em si-mesmo a sabedoria humana, suas potencialidades de *self*, com o *acontecer do verdadeiro self* no mundo.

### 1.2.1. “O Conto de Encontro Transformador”

No projeto atual, os Contos de Encontro Transformador foram elaborados a partir de algumas passagens do texto de ALVAREZ (2003), onde são encontrados relatos de “momentos de Encontro Transformador” que contemplam as características do processo de Encontro Transformador, de Ágape e de Resiliência. Esses excertos de histórias reais vividas com/pelos moradores de rua foram selecionados e retrabalhados com a finalidade de torná-los adequados para se tornarem o primeiro dos dois recursos metodológicos operacionais citados, “O Conto de Encontro Transformador”. Estes excertos se tornaram, então, vários contos, que foram lidos ao longo deste projeto nas reuniões plenárias para todos os sub-grupos. Essa leitura servia para mobilizar vivências, reflexões e conhecimentos em cada um dos participantes e para, em seguida, suscitar o cruzamentos dos saberes entre cada sub-grupo participante do projeto, conforme o explicitado no item 1.2.2.

O “conto” como “símbolo”, isto é, segundo Borella (1989, citado por GALVANI, 1997) como *operador semântico que nos põe a pensar*, foi trabalhado neste contexto do projeto segundo sua capacidade intrínseca de pôr os participantes em contato com seus próprios conteúdos psico-emocionais-cognitivos.

### 1.2.2. “A Fertilização Cruzada dos Saberes”

Para o outro recurso metodológico operacional – a “Fertilização Cruzada dos Saberes” – nos aproximamos da experiência do programa europeu “Quarto Mundo – Universidade”, intitulado “Fertilização cruzada dos saberes e engenharia de alternância sócio-formativa”, que consistiu em um programa de pesquisa-formação-ação desenvolvido, na França, sob a supervisão de Pascal GALVANI (1999). Baseou-se tal trabalho sobre a alternância e o cruzamento de três tipos de saberes sobre a grande pobreza: os saberes da *experiência* dos que haviam *vivido* a miséria; os saberes da *ação* daqueles que estavam *engajados* com os mais pobres, e os saberes científicos. A

<sup>1</sup> Francisco Varela: "Autonomie et connaissance, essai sur le vivant" Seuil, 1989.

<sup>2</sup> Gaston Pineau: "Produire sa vie; autoformation et autobiographie", Edilig, (1983:22).

“*alternância*” dos saberes foi construída como um cruzamento *dialógico* (MORIN, 1997), onde os diversos saberes foram reconhecidos e se interrogavam mutuamente.

Em nosso projeto – inspirados, portanto, nessa experiência européia – trabalhamos com a “fertilização cruzada” dos saberes de um grupo de universitários (*saberes científicos*) portadores de conhecimentos sobre o “Encontro Transformador” e demais conceitos que norteiam o trabalho, além das experiências específicas da área de atuação de cada um; com os saberes de um grupo de pessoas que trabalhavam com moradores de rua (*saberes da ação*); e, ainda, com os *saberes da experiência* de um grupo de moradores e ex-moradores de rua. A manifestação dessa fertilização cruzada de saberes foi apreendida não só através dos discursos orais mas, igualmente, através de gestos, da expressão plástica como por exemplo desenhos, cores, etc., realizadas por todos os sujeitos.

### **1.3. A estratégia de intervenção formativa**

Nosso projeto de psico-sócio-formação foi previsto para se desenvolver no período de 24 meses (junho/2004 a maio/2006) nas dependências da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, dividido em dois grandes módulos, de um ano cada um - com o recurso do cruzamento dos três tipos de saberes sobre moradores de rua. Estamos trabalhando, portanto, com 23 participantes, que constituem os quatro grupos citados acima: 1) cinco moradores e ex-moradores de rua; 2) cinco trabalhadores (como cozinheira, porteiro, etc.) de instituições de apoio a moradores de rua; 3) cinco técnicos da Secretaria de Assistência Social da Prefeitura de São Paulo e de outras instituições; 4) sete participantes dos saberes universitários, sendo seis brasileiros e um francês.

## **2. O DESENVOLVER DO PROJETO**

Percebemos dois dados fortes ao longo das reuniões em plenária, das reuniões nos quatro sub-grupos e nas plenárias de interação entre os sub-grupos:

- 1) Os dois instrumentos metodológicos operacionais propostos mostraram-se pertinentes – juntamente com os conceitos trabalhados nas pesquisas anteriores (Encontro Transformador, Ágape, Resiliência e Ponto de Apoio) – para a promoção da abertura de espaços de encontro transformador e de transformação (cognitiva, perceptiva e “atitudinal”) dos participantes deste projeto de psico-socio-formação;
- 2) A emergência de dados e olhares que, para serem tratados, pediam metodologias de tipo transdisciplinar, tais como os três pilares da metodologia da pesquisa transdisciplinar (Nicolescu, 2001): níveis de realidade, lógica do terceiro incluído e complexidade.

### **2.1. A força dos dois instrumentos metodológicos operacionais como promotores da abertura de espaços de cruzamento de saberes e de encontro transformador**

A primeira constatação significativa foi que “O Conto de Encontro Transformador” realmente criava um espaço favorável para mobilizar vivências, reflexões e conhecimentos em cada um dos participantes e, além disso, um espaço emocional aberto para o diálogo e para a escuta do outro. No entanto, constatamos também ter sido fundamental a equipe pedagógica (em nosso projeto, o grupo dos *saberes universitários*) ter trabalhado – nos meses anteriores aos encontros com os demais grupos – tanto sobre a construção e reconstrução dos contos, como sobre os conceitos de Encontro Transformador e de Ágape, e sobre os conceitos básicos da metodologia transdisciplinar. Pois sem isso, sem a experiência já vivida num grupo menor, sem a presença neste grupo de uma compreensão e de uma vivência da dimensão de amorosidade implícita no conceito de Ágape e sem uma metodologia para tratar olhares e saberes complexos, contraditórios, concorrentes e complementares, o espaço favorável a ser criado inicialmente pelos Contos seria rapidamente perdido. Os olhares contraditórios que necessariamente emergem durante os diálogos e

as reflexões que se seguem à sua leitura gerariam um espaço emocional cada vez mais restrito entre os participantes, que tenderiam a se fixar em suas posições e saberes, gerando disputas, impossibilitando a percepção da complementaridade que muitas vezes pode emergir de olhares contraditórios e, por fim, levando à dispersão prematura do grupo ou à sua manutenção numa dinâmica conflituosa e pouco criativa.

O outro instrumento metodológico, “A Fertilização Cruzada dos Saberes”, antecedida e enriquecida pelo primeiro instrumento, também mostrou a sua força pois trouxe para os diálogos a multidimensionalidade e a complexidade de cada um dos casos apresentados nos contos, pois o saber de cada sub-grupo trazia seu aporte cognitivo, perceptivo e experiencial sobre cada caso, suscitando olhares contraditórios e/ou complementares no mesmo nível da questão apontada por outro sub-grupo, ou apontando para outro nível da questão.

A segunda constatação forte, significativa, foi observar que o recurso aos três pilares da metodologia transdisciplinar se faziam necessários quase sempre quando os olhares divergiam no mesmo nível ou remetiam a níveis diferentes da problemática em questão, suscitada pelo Conto. Além disso, parece-nos possível afirmar que esses três pilares, somados à presença dessa amorosidade descrita pelo conceito do *Ágape*, permitia um trânsito entre os olhares, a manutenção de um espaço emocional aberto e criativo, o encontro de respostas novas, a transformação dos sujeitos e dos grupos, a soma das competências e dos olhares, a não fixação em posturas, olhares e conceitos inicialmente dominantes no interior dos sub-grupos. Em suma, um espaço de fertilizações recíprocas, de construção de saberes.

Observamos, por exemplo, que inicialmente o discurso do grupo dos técnicos (assistentes sociais) tendia a colocar a ênfase do seu olhar na relação que se estabelecia entre a pessoa significativa e o morador de rua em cada Conto e nas questões políticas, enquanto o do grupo de apoio (trabalhadores que estão em contato com o morador de rua nos albergues ou outros locais) tendia a ver a *falta de vontade* do morador para tomar a sua vida em suas próprias mãos, e o do grupo dos moradores ou ex-moradores de rua tendia a apontar para as falhas nos pontos de apoios e nas políticas públicas oferecidas a essa população em situação de rua. Essas ênfases iniciais, no entanto, foram se modificando ao longo das reuniões e cada um dos sub-grupos foi se tornando capaz de ver a questão sob o enfoque que inicialmente era predominante no outro grupo, percebendo as complementaridades de cada olhar, novos níveis presentes nas questões e nos problemas. Isso permitiu a manutenção e o crescimento da criatividade e da alegria dessa troca dos olhares cruzados. Essa complementaridade pode ser observada nas produções discursivas e plásticas dos grupos: paralelamente aos discursos de cada um, as produções pessoais e coletivas de cada grupo – notadamente as de características plásticas – desvelaram a tendência para a construção de um discurso de cunho mais emocional. Com uma percepção diferenciada, e muitas vezes paradoxal/contraditória ao discurso verbal anteriormente defendido, a produção plástica culmina com a integração das polaridades razão/emoção em diferente nível de percepção da realidade.

Vimos que a lógica do terceiro incluído – já trabalhada pela equipe pedagógica – facilitava a mediação, promovendo o diálogo, que não se paralisava nos olhares contraditórios como, por exemplo, aquele que entendia como *falta de força de vontade* do morador de rua para transformar sua vida de um lado, e de outro o que concebia a incapacidade do ponto de apoio (pessoa ou instituição) para perceber o tipo de apoio necessário ao morador para ajudá-lo a encontrar em si a força de vontade necessária à sua transformação. Em alguns casos, o morador de rua era visto não como o doente, o fracassado, o caído, o infeliz, mas como o são, o livre, o feliz. Os grupos foram percebendo que essas e outras afirmações poderiam ser, conforme o caso em questão, ao mesmo tempo verdadeiras, ao mesmo tempo falsas, ou às vezes verdadeiras e outras falsas. Remetemo-nos, neste ponto, à afirmação de Edgar Morin a respeito “*da necessária auto-relativização do observador, que pergunta ‘quem sou eu?’, ‘onde estou eu?’ O eu que surge aqui é o eu modesto que descobre ser o seu ponto de vista, necessariamente, parcial e relativo*” (MORIN, 1996:29). Ou ainda, quando este autor reflete que “*....O que se pode dizer é que nós, enquanto seres computantes e cogitantes, vivos, sociais e culturais, não podemos escapar à dupla problemática do erro e da verdade...*” e “*.... é interessante ver que a questão do erro transforma a questão da*

*verdade, mas não a destrói; a verdade não é negada, mas o caminho da verdade é uma busca sem fim...*” (MORIN, 1996:154).

Os diferentes níveis de realidade de cada problema mais complexo também foram surgindo para todos os grupos: as realidades psicológicas complexas, variando de caso a caso; as diferentes ordens de carências, como de moradia, trabalho; problemas de saúde, dependências como o alcoolismo e drogas. Igualmente, emergiram questões relacionadas a visão de mundo do Ocidente moderno, que não permitia a compreensão de certas dimensões mais profundas que podem estar ligadas, em casos específicos, à opção do morar na rua. Para o alargamento da compreensão dessas dimensões, um diálogo maior com as culturas tradicionais ou sapienciais do Oriente e do Ocidente poderia ser enriquecedor.

E a complexidade também se mostrava cada vez mais evidente para todos sempre que o foco das reflexões era colocado nas questões sociais, culturais, psíquicas e no ser humano como um todo.

Mesmo assim, a complexidade que emergia não só não paralisava o grupo, mas o estimulava a tornar a circular o problema, trazer novos olhares, revê-los, corrigi-los, relativizá-los, percebendo-o em seus diferentes níveis, em seus diferentes aspectos, pensando em como enfrentá-lo.

Portanto, parece-nos que iniciativas semelhantes a esta, empregando esses dois instrumentos metodológicos, apoiando-se nestes conceitos (ou em conceitos próximos) e utilizando os três pilares da metodologia da pesquisa transdisciplinar podem contribuir para soluções mais profundas e duradouras dos problemas ligados à realidade do morador de rua.

## BIBLIOGRAFIA

1. Alvarez AMS. **A resiliência e o morar na rua: estudo com moradores de rua – criança e adultos – na cidade de São Paulo.** São Paulo. São Paulo; 1999. [Dissertação de Mestrado – Faculdade de Saúde Pública da USP]
2. Alvarez AMS. La résilience et l’habitation dans la rue: Etude des habitnts de rue – enfants et adultes – dans la ville de São Paulo. In: Sabatier C, Douville O. **Cultures, Insertions et Santé.** Paris: l’Harmattan; 2002.
3. Alvarez AMS. **Resiliência e Encontro Transformador em moradores de rua na cidade de São Paulo.** São Paulo; 2003. [Tese de Doutorado – Faculdade de Saúde Pública da USP]
4. Atlan H. **Entre o cristal e a fumaça: ensaio sobre a organização do ser vivo.** Rio de Janeiro: Zahar; 1992.
5. Boltanski, L. **L’amour et la justice comme compétences – Trois essais de sociologie de l’action.** Paris: Éditions Métailié; 1990.
6. Figueiredo LC. Textos do curso de Pós Graduação em Psicologia [Apresentado no curso de Pós Graduação da Pontifícia Universidade Católica; 2001; São Paulo].
7. Galvani P. Fertilisation croisée des savoirs et ingénierie d’alternance socio-formative. Le programme de recherche-formation-action Quart Monde/Université. **Revue Française de Pédagogie**, n° 128, juillet-août-septembre 1999, 25-34.
8. Galvani P. **Quête de sens et formation - anthropologie du blason et de l'autoformation.** Paris: l'Harmattan; 1997.
9. Grotberg EH. **Guía de promocion de la resiliencia en los niños para fortalecer el espíritu humano. La Haya: Fundacion Bernard van Leer;** 1996. (Informes de Trabajo sobre el Desarrollo de la Primera Infancia, 18)
10. Maturana H, Rezepka SN. **Formação humana e capacitação.** Petrópolis: Vozes; 2000.

11. Morin E. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil; 1996.
12. Morin E. **O Método – 1. A natureza da Natureza**. Portugal: Publicações Europa-América; 1997.
13. Morin E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: UNESCO/Cortez; 2000.
14. Nicolescu B. O manifesto da transdisciplinaridade. São Paulo: Triom; 2001.
15. Pineau G. 1986. Temps et contre temps en formation permanente. Marecourt: Mesonance et l'Harmattan. In: Galvani P. Fertilisation croisée des savoirs et ingénierie d'alternance socio-formative. Le programme de recherche-formation-action Quart Monde/Université. **Revue Française de Pédagogie**, n° 128, juillet-août-septembre 1999, 25-34.
16. Pineau G, Le Grand JL. **Les histoires de vie**. Paris: Ed. Universitaires; 1996.
17. Pineau G. **Temporalités en formation. Vers de nouveaux synchroniseurs**. Paris: ANTHROPOS; 2000.
18. Safra G. **Momentos mutativos em psicanálise – Uma visão Winnicottiana**. São Paulo: Casa do Psicólogo; 1995.
19. Safra G. **A face estética do Self: teoria e clínica**. São Paulo: Unimarco Editora; 1999.
20. Vieira MAC, Ramos Bezerra EM, Maffei Rosa CM. **População de rua: quem é, como vive, como é vista**. 2ª ed. São Paulo: HUCITEC; 1994.
21. Winnicott DW. **O brincar & a realidade**. Rio de Janeiro: Imago; 1975.